

O ENSINO DE HISTÓRIA EM BUSCA DE NOVAS REFERÊNCIAS: Considerações sobre o pensamento de Edgar Morin*

André Wagner Rodrigues¹

Resumo: Esse texto apresenta os resultados de pesquisa bibliográfica que teve como objeto investigar possíveis contribuições do pensamento transdisciplinar de Edgar Morin para as ciências históricas. Acreditamos, depois do estudo realizado, que suas ideias indicam um novo paradigma para se pensar a História enquanto campo de conhecimento e disciplina escolar. É notável sua preocupação em buscar na História referências para fundamentar suas análises em torno dos problemas sociais, políticos, econômicos, culturais, ecológicos, éticos e estéticos que irrompem no tempo presente. Para isso, abordaremos o que muitos estudiosos chamam de “Neo-Humanismo” no pensamento de Morin. Pensamos que suas ideias podem oferecer subsídios para se pensar em propostas curriculares e metodológicas alternativas para o ensino de História, assim como, possibilidades norteadoras de soluções para a reversão dos malefícios orquestrados pelo ritmo informacional e tecnológico da sociedade contemporânea e sua tradição educacional que separa, disjunta e compartimenta os saberes.

Palavras-chave: Ensino de História - Edgar Morin - Transdisciplinaridade

Abstract: This paper presents the results of literature that had as object to investigate possible contributions of transdisciplinary thought Edgar Morin for the historical sciences. We believe, after study, that their ideas indicate a new paradigm for thinking about history as a field of knowledge and school discipline. It is remarkable in its concern to seek references in history to support their analysis around the social, political, economic, cultural, ecological, ethical and aesthetic that erupts at the present time. To do so, discuss what many scholars call "Neo-Humanism" at the thought of Morin that aims to "see" the present in its complex dimension and, thus, establish links with the past history.

Key Words: Teaching History - Edgar Morin - Transdisciplinarity

* Artigo submetido em 23 de Outubro de 2012, e aprovado em 27 de Dezembro de 2012.

¹ É licenciado em História pela UNESP; Pós-Graduado em "Fundamentos de uma Educação para o Pensar" pela PUC de São Paulo. É Mestre em Educação pelo PPGE em Educação da Universidade Nove de Julho, na linha de pesquisa em "Educação e Complexidade". É autor dos livros: "A HISTÓRIA ATRAVÉS DE CONCEITOS: metodologias e práticas de ensino voltadas a uma educação para o pensar" pela editora Andreolli em 2009 e "História, Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade" pela editora MULTIFOCO em 2011. Leciona na Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN/ANHANGUERA), exercendo atualmente a coordenação do curso de licenciatura em História na unidade Campo Limpo. E-mail: andrewunesp@gmail.com

Teocentrismo cristão para o Antropocentrismo humano, destacadamente um tempo de críticas aos dogmas clericais que prepararam a modernidade para a Reforma Protestante e também para o desenvolvimento científico. Nesse sentido, o Humanismo clássico pode ser pensado como a valorização do egocentrismo e do hedonismo, ou seja, a busca incessante do prazer individual, o que acarreta na exacerbação dos valores individuais ante os coletivos.

Podemos entender como Neo-humanismo uma proposta filosófica e cultural que tende situar os valores humanos no centro dos debates contemporâneos. Isto é, teorizar os principais dilemas do homem e da humanidade do final do século XX e início do século XXI, principalmente aqueles que ameaçam a vida no planeta, notoriamente: os problemas ecológicos, éticos, culturais, sociais e econômicos que irrompem no nosso tempo. Segundo Adalberto Dias de Carvalho, o Neo – Humanismo na obra de Morin busca, sobretudo destacar:

[...] noções-chave como as de autonomia, de Liberdade, de amor, de indivíduo e de sujeito, denunciando aí, por um lado, os equívocos em matéria de fundamentação científica e ideológica, por outro, procurando sempre salvaguardar os valores que lhes são inerentes, tudo isto em prol de uma dignidade do homem potencialmente ameaçada. (1987, p. 33)

O Neo-humanismo se distingue do Humanismo clássico em, pelo menos, três características: primeiramente devemos levar em consideração a distância temporal entre ambas. Essa consideração por si só evidencia contextos sociais, políticos, econômicos e culturais distintos. Em segundo lugar, podemos interpretar o Neo-humanismo como a busca da valorização dialógica entre indivíduo/sociedade/espécie, diferentemente do apelo antropocêntrico do humanismo clássico. Em terceiro, devemos destacar que há, nas proposições de Morin, uma tentativa de superação do pensamento clássico, de origem renascentista, de modelo cartesiano, que separa o sujeito do objeto, que disjunta para conceber a unidade, um tipo de pensamento que divide em partes para depois conceber o todo, etc.

Nessas proposições podemos sintetizar três diferenças entre o humanismo clássico e o Neo-humanismo: a distância temporal; as divergências entre Antropo e Sócio-centrismo e as propostas epistemológicas que as fundamentam, deixando claro que o Neo-Humanismo busca uma nova concepção de sujeito que, não pode ser visto de maneira egocentrista ou individualista (como no Humanismo clássico), e sim, em sua

compreendermos a nossa parcela de responsabilidade na perspectiva de transformar o planeta em que vivemos. Indica Morin que:

“[...] a missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidades de emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometido com a construção de uma civilização planetária” (2003, p. 98)

A proposta educacional, presente em sua teoria pode ensinar caminhos para se pensar em possibilidades metodológicas alternativas para o Ensino de História, como disciplina que pode promover debates e reflexões que levem as novas gerações de alunos, a reconhecerem a sua parcela de contribuição no agravamento de todos esses problemas, e principalmente no amadurecimento de uma consciência e da responsabilidade necessária para uma postura voltada para a transformação necessária do nosso planeta. Tentaremos situar as contribuições educacionais de Edgar Morin nesse sentido.

Para ele é necessário que se dê aos alunos e adolescentes que irão enfrentar o mundo do terceiro milênio um tipo de pensamento⁷ e cultura que possa prepará-los para “articular, religar, contextualizar, situar-se no contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos que adquiram” (2002, p. 29). Entende ainda que no interior do espaço escolar, as disciplinas devem colaborar para que tais questões estejam presentes, sendo importante somar a isso a possibilidade da realização de jornadas temáticas, cada uma delas centradas sobre um grande tema que permita religar as disciplinas. Jornadas temáticas que ressaltem a importância de discutir: “o mundo, a terra, a vida, a humanidade, literatura, poesia, línguas, artes, cinema, culturas adolescentes, conhecimento” (Idem, p. 35). Para que esse tipo de educação aconteça, nossa tradição escolar precisa transformar-se em uma forma de organização transdisciplinar⁸ e complexa, capaz de produzir conhecimentos pertinentes, onde docentes e discentes

⁷ Cabe agora ressaltar, que em algumas obras Morin, sugere: “[...] a busca sobre a compreensão do mundo, do humano e da humanidade tendo como base os códigos de um conhecimento complexo, pois este tem a pretensão de conceber, inseparavelmente, a dialógica da unidade e da diversidade humana” (Vide estudos de Morin no livro “Introdução ao pensamento Complexo, p. 76). Essa consideração pode indicar sua preocupação Neo-humanista.

⁸ Trans, significa através de. Isto é, pensar a disciplina escolar como campo do saber autônomo, que possa atravessar os seus limites de conhecimento e atuação. Uma disciplina “aberta” está disposta a ampliar os assuntos e temáticas comuns ao cotidiano escolar. Nossa tradição de ensino compartimentou o conhecimento em áreas específicas do saber, por isso, os professores ainda são resistentes a promoverem um debate que possa ser direcionado a uma transformação de sua disciplina. Mas as próprias necessidades do mundo contemporâneo, aos poucos, nos mobilizam para pensar em propostas emergenciais de transformação do currículo escolar.

aprendam a se situar e a se compreender no universo onde convivem e atuam para poderem construir uma identidade individual, regional, da sociedade que representa e também da espécie, num mundo com características comuns e problemas que também devem ser compartilhados. A solidariedade deve ser uma característica desse aluno do terceiro milênio. Isso pode ser dificultado pelo tipo de educação que temos, pois,

nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física com que somos constituídos” (MORIN, 2000, p. 48)

Além de defender a aquisição de uma identidade planetária, devemos acrescentar que um dos maiores desafios da Educação e do Ensino de História seja trabalhar de maneira eficiente os temas ligados à diversidade ou pluralidade cultural no contexto de sala de aula. Mesmo sendo temática corrente e obrigatória nos PCN's de História e Geografia, visualizamos poucos trabalhos nessa direção. Os poucos que ocorrem servem para ilustrar algumas datas, tais como: O dia do Índio ou o dia da Consciência Negra. Dessa forma, gradativamente os alunos ficam com uma referência parcelada ou incompleta do reconhecimento de suas origens. Conhecer a identidade terrena, cósmica e planetária é indispensável ao ser humano e é proposta condizente com o novo Humanismo.

As ideias de identidade e de diversidade nas obras de Morin são conhecidas por um bom número de educadores e estudiosos, assim como sua visão do ser humano. Este é concebido, por ele, biológica e culturalmente na perspectiva dialógica “indivíduo, sociedade e espécie”. A identidade é resultante, também, do envolvimento e reconhecimento do ser humano em seu grupo de convívio, como parte integrante da cultura de seu tempo e de uma relação com e compreensão dos seus antepassados. Esse entendimento está presente nos objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia, que apontam para a necessidade de ensinar aos alunos sua história local, regional, nacional, mundial e planetária, reforçando que isso é importante para a constituição da identidade dos alunos do Ensino fundamental e Médio o:

Levantamento de diferenças e semelhanças individuais, sociais, econômicas e culturais entre os alunos da classe e entre eles e as demais pessoas que convivem e trabalham na escola: idade, sexo, origem, costumes, trabalho, religião, etnia, organização familiar, lazer, jogos [...] (PCN's de História e Geografia, 2000, p. 54)

Além de:

Em Tempo de Histórias

“[...] Identificar as ascendências e descendências das pessoas que pertencem à sua localidade, quanto à nacionalidade, etnia, língua, religião e costumes, contextualizando seus deslocamentos e confrontos culturais e étnicos, em diversos momentos históricos nacionais [...]” (PCN’s de História e Geografia, 2000, p. 62)

Porém, notamos ainda nas leituras de livros didáticos de História e nas aulas em várias escolas de São Paulo⁹ uma maneira de apontar os sujeitos e suas identidades como seres desvinculados de suas relações culturais, quase como supra-humanos, destacando-os como os verdadeiros “construtores do passado” os grandes líderes nacionais, reis, príncipes, estadistas, etc. Além disso, eles não são considerados subjetivamente, isto é, como portadores de emoções, sentimentos e até defeitos, de acordo com certos critérios de análise. Isso pode levar o aluno a não se identificar com o seu passado, que parece não existir, obscurecido por “personalidades” que parecem extemporâneas e nem com o estudo desse passado, pois não se reconhece como partícipe do processo de transformações históricas. O resultado mais drástico desse tipo de ensino é o não reconhecimento identitário da juventude. Em face disso, a construção da identidade desses estudantes fica de alguma forma comprometida nas aulas de História.

Outra reflexão importante a respeito da construção da identidade juvenil é o estudo sobre a origem de Nação e do povo brasileiro. Acostumamo-nos com um tipo de ensino que inaugura a História do Brasil a partir da chegada dos colonizadores portugueses. Em cursos de licenciatura em História, dividimos a História do Brasil em: Colônia, Império e República. Isto quer dizer, que também na academia, ainda constatamos esse modelo de ensino. O Brasil se constitui como civilização após o seu “descobrimento”. Há uma pergunta que muitos jovens do ensino fundamental e médio fazem aos seus professores de História: Não havia História do Brasil antes da chegada dos portugueses? As populações indígenas não tinham história? Os índios não fazem parte da civilização? Questões que ficam muitas vezes sem respostas e logicamente contribuem para uma visão estereotipada de identidade. Os objetivos dos Parâmetros curriculares Nacionais reforçam que é importante uma nova visão dos estudos históricos e que também é necessária, para os alunos do Ensino fundamental e Médio, a

⁹ Realizamos esse estudo com alunos (futuros professores de História) do curso de licenciatura em História da Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) no período de 2007-2009. Desse resultado, produzimos um livro intitulado: “História através de conceitos: metodologias e práticas de ensino voltados a uma educação para o pensar”, citado na bibliografia.

RODRIGUES, André Wagner. **A História através de conceitos: metodologias e práticas de ensino voltadas a uma Educação para o pensar.** São Paulo: Andreolli, 2009.

_____. **História, historiografia e ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2011